

O texto a seguir foi retirado do capítulo 12, intitulado *A professora Umbridge*, do livro *Harry Potter e a Ordem da Fênix*¹, quinto livro da saga.

O trecho faz parte de uma discussão realizada na primeira aula de uma disciplina chamada Defesa Contra as Artes das Trevas (DCAT). DCAT é uma disciplina de Hogwarts (escola de magia e bruxaria do Reino Unido) e, historicamente, não possui um professor fixo para ministrá-la. Todos os anos é conduzida por professores distintos. Em todos os anos do Harry Potter na escola passou por mudanças de professores anualmente. Teve desde um professor escritor narcisista e charlatão, até um Comensal da Morte (espécie de defensor de uma ideia de supremacia bruxa) disfarçado de auror (bruxo altamente treinado para investigar e combater as artes das trevas) aposentado. O episódio ocorre durante a primeira aula do ano letivo de DCAT.

[páginas 196 – 203]

Quando os dois entraram na sala de aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, encontraram a Prof^a Umbridge já sentada à escrivaninha, usando o casaquinho peludo cor-de-rosa da noite anterior e o laço veludo preto na cabeça. Novamente Harry se lembrou, sem querer, de um moscão encarrapitado insensatamente na cabeça de um sapo ainda maior.

A turma entrou na sala em silêncio; a Prof^a Umbridge era, até aquele momento, uma incógnita, e ninguém sabia se seria ou não adepta da disciplina rigorosa.

- Bom, boa-tarde! – disse finalmente, quando a turma inteira acabou de sentar.

Alguns alunos murmuraram “boa-tarde” em resposta.

- Tss-tss – muxoxou a professora. – *Assim* não vai dar, concordam? Eu gostaria que os senhores, por favor, me respondessem: “Boa-tarde, Prof^a Umbridge.” Mais uma vez, por favor. Boa-tarde, classe!

- Boa-tarde, Prof^a Umbridge – entoaram os alunos monotonamente.

- Agora sim – disse a professora com meiguice. – Não foi muito difícil, foi? Guardem as varinhas e apanhem as penas.

Muitos alunos trocaram olhares sombrios; nunca antes à ordem “guardem as varinhas” se seguira uma aula que eles achassem interessante. Harry enfiou a varinha de volta na mochila e apanhou pena, tinta e pergaminho. A Prof^a Umbridge abriu a bolsa e

¹ ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Tradução Lia Wyler. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. v. 5

tirou a própria varinha, que era excepcionalmente curta, e com ela deu uma pancada no quadro negro; imediatamente apareceu ali escrito:

Defesa Contra as Artes das Trevas

Um Retorno aos Princípios Básicos

– Bom, o ensino que receberam desta disciplina foi um tanto interrompido e fragmentário, não é mesmo? – afirmou a Prof^a Umbridge, virando-se para encarar a turma, com as mãos perfeitamente cruzadas diante do corpo. – A mudança constante de professores, muitos dos quais não parecem ter seguido nenhum currículo aprovado pelo Ministério, infelizmente teve como consequência os senhores estarem muito abaixo dos padrões que esperaríamos ver no ano dos N.O.M.s. [Níveis Ordinários de Magia – Avaliação realizada com todos estudantes de Hogwarts no quinto ano escolar. Essa prova possui um grande peso no percurso escolar, auxiliando a delimitar qual(is) disciplina(s) o estudante poderá cursar no sexto e sétimo ano e auxiliará na definição de carreiras bruxas na vida adulta]

“Os senhores ficarão satisfeitos de saber, porém, que tais problemas agora serão corrigidos. Este ano iremos seguir um curso de magia defensiva, aprovado pelo Ministério e cuidadosamente estruturado em torno da teoria. Copiem o seguinte, por favor.”

Ela tornou a bater no quadro; a primeira mensagem desapareceu e foi substituída por “Objetivos do Curso”.

- 1. Compreender os princípios que fundamentam a magia defensiva.*
- 2. Aprender a reconhecer as situações em que a magia defensiva pode legalmente ser usada.*
- 3. Inserir o uso da magia defensiva em contexto de uso.*

Por alguns minutos o som de penas arranhando pergaminhos encheu a sala. Depois que todos copiaram os três objetivos do curso da Prof^a Umbridge, ela perguntou:

– Todos têm um exemplar de *Teoria da magia defensiva* de Wilbert Slinkhard?

Ouviu-se um murmúrio baixo de concordância por toda a sala.

– Acho que vou tentar outra vez – disse ela. – Quando eu fizer uma pergunta, gostaria que os senhores respondessem: “Sim, senhora, Profª Umbridge” ou “Não, senhora, Profª Umbridge”. Então: todos têm um exemplar de *Teoria da magia defensiva* de Wilbert Slinkhard?

– Sim, senhora, Profª Umbridge – ecoou a resposta pela sala.

– Ótimo. Eu gostaria que os senhores abrissem na página cinco e lessem o Capítulo Um, “Elementos Básicos para Principiantes”. Não precisarão falar.

A Profª Umbridge deu as costas ao quadro e se acomodou na cadeira, à escrivaninha, observando todos os alunos, com aqueles olhos empapuçados de sapo. Harry abriu à página cinco do seu exemplar de *Teoria da magia defensiva* e começou a ler.

Era desesperadamente monótono, tão ruim quanto escutar o Prof. Binns. Sentiu sua concentração ir fugindo; logo tinha lido a mesma linha meia dúzia de vezes, sem absorver nada além das primeiras palavras. Vários minutos se passaram em silêncio. Ao seu lado, Rony virava e revirava a pena entre os dedos distraidamente, os olhos fixos no mesmo ponto da página. Harry olhou para a direita e teve uma surpresa que sacudiu o seu torpor. Hermione nem sequer abrira seu exemplar de *Teoria da magia defensiva*. Olhava fixamente a Profª Umbridge com a mão levantada.

Harry não se lembrava de Hermione jamais ter deixado de ler quando a mandavam fazê-lo, ou resistir à tentação de abrir qualquer livro que passasse embaixo do seu nariz. Olhou-a, indagador, mas ela meramente balançou a cabeça, a indicar que não ia responder perguntas, e continuou a encarar a professora, que olhava com igual resolução para o outro lado.

Depois de se passarem vários minutos, porém, Harry já não era o único que olhava para Hermione. O capítulo que a professora os mandara ler era tão tedioso que um número cada vez maior de alunos estava preferindo observar a muda tentativa de Hermione de ser notada pela professora a continuar pensando para ler os “Elementos Básicos para Principiantes”.

Quando mais da metade da classe estava olhando para Hermione e não para os livros, a professora pareceu decidir que não podia continuar a ignorar a situação.

– Queria me perguntar alguma coisa sobre o capítulo, querida? – perguntou ela a Hermione, como se tivesse acabado de reparar nela.

– Não, não é sobre o capítulo – respondeu Hermione.

– Bem, é o que estamos lendo agora – disse a professora, mostrando seus dentes pontiagudos. – Se a senhorita tem outras perguntas, podemos tratar delas no final da aula.

– Tenho uma pergunta sobre os objetivos do curso – disse Hermione.

A Profª Umbridge ergueu as sobrancelhas.

– E como é o seu nome?

– Hermione Granger.

– Muito bem, Srta. Granger, acho que os objetivos do curso são perfeitamente claros se lidos com atenção – respondeu em um tom de intencional meiguice.

– Bem, eu não acho que estejam – concluiu Hermione secamente. – Não há nada escrito no quadro sobre o *uso* de feitiços defensivos.

Houve um breve silêncio em que muitos alunos da turma viraram a cabeça para reler, de testa franzida, os três objetivos do curso ainda escritos no quadro-negro.

– O *uso* de feitiços defensivos? – repetiu a Profª Umbridge, dando uma risadinha.
– Ora, não consigo imaginar nenhuma situação que possa surgir nesta sala de aula que exija o uso de um feitiço defensivo, Srta. Granger. Com certeza não está esperando ser atacada durante a aula, está?

– Não vamos usar magia? – exclamou Rony, em voz alta.

– Os alunos levantam a mão quando querem falar na minha aula, Sr...?

– Weasley – respondeu Rony, erguendo a mão no ar.

A Profª Umbridge, ampliando o seu sorriso, virou as costas para ele. Harry e Hermione imediatamente ergueram as mãos também. Os olhos empapuçados da professora se detiveram por um momento em Harry, antes de se dirigir a Hermione.

– Sim, Srta. Granger? Quer me perguntar mais alguma coisa?

– Quero. Certamente a questão central na Defesa Contra as Artes das Trevas é a prática de feitiços defensivos.

– A senhorita é uma especialista educacional do Ministério da Magia, Srta. Granger?

– Não, mas...

– Bem, então, receio que não esteja qualificada para decidir qual é a “questão central” em nenhuma disciplina. Bruxos mais velhos e mais inteligentes que a senhorita prepararam o nosso novo programa de estudos. A senhorita irá aprender a respeito dos feitiços defensivos de um modo seguro e livre de riscos...

– Para que servirá isso? – perguntou Harry, em voz alta. – Se formos atacados, não será em um...

– *Mão*, Sr. Potter! – entoou a Prof^a Umbridge.

Harry empunhou o dedo no ar. Mais uma vez, a professora prontamente lhe deu as costas, mas agora vários outros alunos tinham erguido as mãos.

– E o seu nome é? – perguntou a professora a Dino.

– Dino Thomas.

– Diga, Sr. Thomas.

– Bem, é como disse o Harry, não é? Se vamos ser atacados, então não será livre de riscos.

– Repito – disse a professora, sorrindo para Dino de modo muito irritante –, o senhor espera ser atacado durante as minhas aulas?

– Não, mas...

A Prof^a Umbridge interrompeu-o.

– Não quero criticar o modo como as coisas têm sido conduzidas nesta escola – disse ela, um sorriso pouco convincente distendendo sua boca rasgada –, mas os senhores foram expostos a alguns bruxos muito irresponsáveis nesta disciplina, de fato muito irresponsáveis, isto para não falar – ela deu uma risadinha desagradável – em mestiços extremamente perigosos.

– Se a senhora está se referindo ao Prof. Lupin – disse Dino, zangado, esganiçando a voz –, ele foi o melhor que já...

– *Mão*, Sr. Thomas! Como eu ia dizendo: os senhores foram apresentados a feitiços muito complexos, impróprios para a sua faixa etária e potencialmente letais. Alguém os amedrontou, fazendo-os acreditar na probabilidade de depararem com ataques das trevas com frequência...

– Não, isto não aconteceu – protestou Hermione –, só que...

– *Sua mão não está erguida, Srta. Granger!*

Hermione ergueu a mão. A Prof^a Umbridge virou-lhe as costas.

– Pelo que entendi, o meu antecessor não somente realizou maldições ilegais em sua presença, como chegou a aplicá-las nos senhores.

– Ora, no fim ficou provado que ele era um maníaco, não foi? – respondeu Dino, acalorado. – E veja bem, ainda assim aprendemos um bocado.

– *Sua mão não está erguida, Sr. Thomas!* – gorjeou a professora. – Agora o Ministério acredita que um estudo teórico será mais do que suficiente para prepará-los para enfrentar os exames, que, afinal, é para o que existe a escola. E o seu nome é? – acrescentou ela, fixando o olhar em Parvati, que acabara de erguer a mão.

– Parvati Patil, e não tem uma pequena parte prática no nosso N.O.M. de Defesa Contra as Artes das Trevas? Não temos de demonstrar que somos capazes de realizar contrafeitiços e coisas assim?

– Desde que tenham estudado a teoria com muita atenção, não há razão para não serem capazes de realizar feitiços sob condições de exame cuidadosamente controladas – respondeu a professora, encerrando o assunto.

– Sem nunca ter praticado os feitiços antes? – perguntou Parvati, incrédula. – A senhora está nos dizendo que a primeira vez que poderemos realizar feitiços será durante o exame?

– Repito, desde que tenham estudado a teoria com muita atenção...

– E para que vai servir a teoria no mundo real? – perguntou Harry em voz alta, seu punho mais uma vez no ar.

A Prof^a Umbridge ergueu a cabeça.

– Isto é uma escola, Sr. Potter, não é o mundo real – disse mansamente.

– Então não devemos nos preparar para o que estará nos aguardando lá fora?

– Não há nada aguardando lá fora, Sr. Potter.

– Ah, é? – A raiva de Harry, que parecia estar borbulhando sob a superfície o dia todo, agora começou a atingir o ponto de ebulição.

– Quem é que o senhor imagina que queira atacar crianças de sua idade? – perguntou a professora, num tom horrivelmente meloso.

– Humm, vejamos... – disse Harry numa voz fingidamente pensativa. – Talvez... *Lorde Voldemort?*

Rony ofegou. Lilá Brown soltou um gritinho. Neville escorregou pela lateral do banco. A Prof Umbridge, porém, nem sequer piscou. Estava encarando Harry com uma expressão de sinistra satisfação no rosto.

– Dez pontos perdidos para a Grifinória, Sr. Potter.

A sala ficou parada e em silêncio. Todos olhavam para Umbridge ou para Harry.

– Agora gostaria de deixar algumas coisas muito claras.

A Prof^a Umbridge ficou em pé e se curvou para a turma, suas mãos de dedos grossos e curtos abertas sobre a escrivaninha.

– Os senhores foram informados de que um certo bruxo das trevas retornou do além...

– Ele não estava morto – protestou Harry zangado –, mas, sim senhora, ele retornou!

– Sr. Potter-o-senhor-já-fez-sua-casa-perder-dez-pontos-não-piore-as-coisas-para-si-mesmo – disse a professora sem parar para respirar e sem olhar para ele. – Como eu ia dizendo, os senhores foram informados de que um certo bruxo das trevas está novamente solto. Isto é *mentira*.

– NÃO é mentira! – disse Harry. – Eu o vi, lutei com ele.

– Detenção, Sr. Potter! – disse a Prof^a Umbridge, em tom de triunfo. – Amanhã à tarde. Cinco horas. Na minha sala. Repito, *isto é uma mentira*. O Ministério da Magia garante que não estamos ameaçados por nenhum bruxo das trevas. Se os senhores continuam preocupados, não se acanhem, venham me ver quando estiverem livres. Se alguém está alarmando os senhores com lorotas sobre bruxos das trevas renascidos, eu gostaria de ser informada. Estou aqui para ajudar. Sou sua amiga. E agora, por favor, continuem sua leitura. Página cinco. “Elementos Básicos para Principiantes”.

A Prof^a Umbridge sentou-se à escrivaninha. Harry, no entanto, ficou em pé. Todos o olhavam; Simas parecia meio apavorado, meio fascinado.

– Harry, não! – sussurrou Hermione, em tom de alerta, puxando-o pela manga, mas ele desvencilhou o braço da mão da amiga.

– Então, segundo a senhora, Cedrico Diggory caiu morto porque quis, foi? – perguntou Harry, com a voz tremendo.

A turma prendeu coletivamente a respiração, porque nenhum colega, exceto Rony e Hermione, jamais ouvira Harry falar do que acontecera na noite em que Cedrico morrera. Todos olhavam avidamente de Harry para a professora, que erguera os olhos e encarava o garoto sem o menor vestígio de falso sorriso no rosto.

– A morte de Cedrico Diggory foi um trágico acidente – disse ela, com frieza.

– Foi assassinato – disse Harry. Ele sentia seu corpo tremer. Pouco falara com outras pessoas sobre isso, e muito menos com trinta colegas que o escutavam ansiosos. – Voldemort o matou, e a senhora sabe disso.

O rosto da Profª Umbridge estava inexpressivo. Por um momento, Harry pensou que fosse berrar com ele. Então ela falou, com a sua voz mais macia, mais meiga e mais infantil:

– Venha cá, Sr. Potter, querido.

Ele chutou sua cadeira para o lado, contornou Rony e Hermione e foi à escrivaninha da professora. Podia sentir o resto da classe prendendo a respiração. Estava tão furioso que não se importava com o que fosse acontecer.

A Profª Umbridge puxou um pequeno rolo de pergaminho cor-de-rosa da bolsa, esticou-o sobre a escrivaninha, molhou a pena no tinteiro e começou a escrever, curvada sobre o pergaminho para que Harry não pudesse ver o que estava escrevendo. Ninguém falava. Passado um minuto e pouco, ela enrolou o pergaminho e lhe deu um toque com a varinha; ele se selou, sem emendas, de modo que o garoto não o pudesse abrir.

– Leve isto à Profª McGonagall, querido – disse estendendo a ele o bilhete.

Harry apanhou-o sem dizer palavra e saiu da sala, sem sequer olhar para Rony e Hermione, batendo a porta ao passar. (...)